

Clarinda de Azevedo Maia (Coimbra)

**Carolina Michaëlis de Vasconcelos
e o ensino da Filologia Portuguesa na Universidade
de Coimbra ***

0

Nesta comunicação tentarei pôr em relevo alguns dos aspectos mais relevantes da presença de Carolina Michaëlis de Vasconcelos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do magistério que desenvolveu entre os anos lectivos de 1911-1912 e de 1925-1926, o qual já não concluiu porque a morte a colheu em 16 de Novembro de 1925. Baseando-me em fontes documentais maioritariamente não exploradas até ao momento e que fazem parte do Arquivo da Universidade de Coimbra, porei em relevo alguns traços do perfil académico da grande Mestra e Senhora na «Alma Mater Conimbrigensis», do apreço que lhe era dedicado por colegas e alunos e da sua actividade docente no âmbito de uma das cadeiras de que foi regente, a cadeira de Filologia Portuguesa. Tratarei, portanto, de aspectos institucionais e de aspectos pedagógicos e científicos da sua leccionação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Os contornos do seu perfil que tentarei esboçar resultam de uma primeira exploração do Processo de Professora de D^a. Carolina, das Actas das reuniões da Faculdade de Letras entre 1911 e 1925, da correspondência enviada por esta Faculdade, nesse mesmo lapso de tempo, à Reitoria da Universidade, dos «Mapas do Serviço dos Professores» e de outros documentos de carácter administrativo, entre os quais sobressaem os «Livros de Sumários» das Lições que proferiu e que, durante décadas, estiveram guardados na Faculdade de Letras; no mês de Setembro de 2002, para resolver problemas de escassez de espaço, foram depositados no Arquivo da Universidade esses materiais de carácter científico-pedagógico correspondentes ao lapso temporal compreendido entre a criação da Faculdade em 1911 e o ano de 1972.

* Quero deixar aqui expresso o meu agradecimento à Dr^a. Ana Maria Bandeira, Técnica Superior do Arquivo da Universidade de Coimbra, pelo apoio generoso e cordialmente prestado durante a investigação realizada para a elaboração deste artigo.

Relativamente à sua actividade docente, os comentários que farei neste momento sobre os conteúdos programáticos, os temas que eram objecto da leccionação da grande Mestra, centram-se, embora constituindo uma primeira abordagem, na cadeira de «Filologia Portuguesa». Espero brevemente poder realizar uma mais demorada e sistemática pesquisa não só a partir dos Sumários das Lições desta disciplina, como das duas outras da área de Romanística, de cuja regência esteve encarregada, «Filologia Românica» e «Gramática Comparada das Línguas Românicas».¹

1

Nascida em 15 de Março de 1851, na cidade de Berlim que ela classifica como a «metrópole da inteligência»,² viria a tornar-se portuguesa pelo casamento e pela dedicação intelectual à nossa cultura, a que consagrou a maior parte dos seus anos de pesquisa, vindo Portugal a tornar-se a sua «pátria adoptiva».³

Com a criação das Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa em 1911 pelo Decreto de 19 de Abril desse ano a que se sucedeu o Decreto com força de Lei de 9 de Maio que estatuiu a legislação orgânica das instituições recentemente criadas,⁴ Carolina Michaëlis, que gozava já de fama internacional pelas suas publicações no domínio da filologia portuguesa dedicadas sobretudo ao período medieval e renascentista, será, desde o início, associada ao magistério universitário. Ao

-
- 1 Regeu também D^a. Carolina outras cadeiras na área de Estudos Germanísticos. Ver, adiante, p. 29.
 - 2 Cf. «Discurso da Sr^a. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos» com motivo da sua tomada de posse como professora ordinária da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 19 de Janeiro de 1912. Publicado por R[emédios, J.] M[endes dos] (1912: 195-196). A referência acima apresentada encontra-se na p. 195. Essa expressão é também usada pela ilustre estudiosa no requerimento que endereça ao Presidente da República solicitando a sua transferência da Universidade de Lisboa (para a qual havia sido nomeada professora ordinária) para a Universidade de Coimbra. Veja-se, adiante, o que será dito na p. 25.
 - 3 Segundo a afirmação de D^a. Carolina Michaëlis no discurso referido na nota anterior, p. 196.
 - 4 Trata-se do «Decreto com força de lei de 9 de Maio de 1911, organizando o plano de estudos das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa», publicado no Diário do Governo, de 11 de Maio do referido ano. Cf. também Rodrigues (1989): «Introdução», V.

lado de um grande número de artigos sobre questões de carácter literário (inclusive sobre temas de literatura espanhola), etimológico, ortográfico, morfológico, sintáctico, histórico, e etnográfico, algumas das suas «opera magna» que lhe haviam conquistado a reputação de eminente lusitanista e romanista tinham já então sido publicadas.⁵ Entre elas avultam as monumentais edições críticas das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (1885), do *Cancioneiro da Ajuda* (1904), as «Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch» [«Notas marginais ao Cancioneiro Medieval Português»], publicadas em vários números (entre 1896 e 1905) da *Zeitschrift für Romanische Philologie* editada por Gustav Gröber, e os «Estudos sobre o romanceiro peninsular, romances velhos em Portugal», publicados na revista madrilena *Cultura Española*, entre 1907 e 1909.

Aliás, o seu primeiro trabalho de história da língua, que publicara em 1876, com apenas 25 anos, *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, era já revelador das suas capacidades científicas.⁶ Volvido cerca de meio século, o grande representante da etimologia românica, Meyer-Lübke, classificaria a obra como «uma verdadeira surpresa no campo da investigação científica filológica», e acrescentava:

ali se não mostrava sombra de diletantismo: havia a ciência mais severa, perfeitamente à altura do seu tempo; revelavam-se conhecimentos profundos, ciência baseada em saber, alheia a especulações mais ou menos espirituosas; e imperavam um critério seguro e uma opinião formada, como nem sempre se encontra num primeiro trabalho.⁷

Através da sua vasta e qualificada produção filológica, Carolina Michaëlis conquistara uma auréola de prestígio internacional entre os mais reputados e competentes romanistas da época.⁸ Não surpreende,

5 Pode o leitor informar-se acerca da produção científica de D^a. Carolina no artigo de Moldenhauer (1933: VII-XXIII).

6 Busse (1988: 45).

7 Meyer-Lübke (1927: 17-18). São vários os aspectos realçados pelo Autor, tanto no que diz respeito a algumas ideias apresentadas sobre a «evolução» linguística, como no que se refere aos processos de enriquecimento do léxico. Um desses processos, a relatinização, dá origem a pares de formas duplas, formas divergentes, em que uma das formas tem carácter hereditário, patrimonial, e a outra, importada do latim, entrou na língua como cultismo (cf. pp. 18-20). Veja-se também, adiante, p. 36 deste trabalho.

8 Através das apreciações críticas feitas a trabalhos seus em revistas de carácter filológico e em jornais, pode fazer-se uma ideia do prestígio de que gozava entre filólogos e romanistas da época. Reveladora da reputação de que disfrutava entre

pois, que a insigne Filóloga, «distinta entre os mais distintos filólogos romanistas contemporâneos»,⁹ um mês e meio depois de estabelecida a lei orgânica das recém-criadas Faculdades de Letras,¹⁰ tenha sido nomeada, por decreto de 21 de Junho desse ano de 1911, professora ordinária do Grupo de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa,¹¹ tendo oficialmente tomado posse da cadeira de Germanística exactamente um mês depois, ou seja, em 21 de Julho desse ano, embora nunca tenha chegado a leccionar, em virtude do seu pedido de transferência para a Universidade de Coimbra. O carácter invulgar das suas capacidades e a profundidade e solidez do seu saber são invocados por António José de Almeida, que presidia ao Ministério do Interior do Governo Provisório da Primeira República, como razões para a sua nomeação, por distinção, como professora catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa.¹² Na correspondência recebida na reitoria da

os seus contemporâneos é a correspondência recebida de filólogos e romanistas notáveis. Entre as cartas publicadas por Leite de Vasconcelos que fazem as mais elogiosas referências aos seus trabalhos figuram algumas de F. Diez (que viria a falecer em 1876, ano da publicação do livro *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, acima citado), G. I. Ascoli, Gaston Paris e A. Mussafia. Cf. Vasconcelos (1912: 274-294).

- 9 Cf. cópia manuscrita, feita pelo 2º oficial, José Henriques de Sousa Sena, do ofício enviado em 21 de Novembro de 1911 pelo então Director da Faculdade de Letras, Doutor António de Vasconcellos, ao Reitor da Universidade de Coimbra. (A cópia do ofício fora já dada a público na «Miscelânea (Dª. Carolina Michaëlis)» publicada na Revista da Universidade de Coimbra, I: 1 (Março) (1912: 191-192). Ver também a acta da reunião do Conselho da Faculdade de Letras publicada em Rodrigues (1989: 5).
- 10 Veja-se, atrás, n. 4 da p. 22.
- 11 Informações colhidas na cópia manuscrita da carta datada de 12 de Novembro de 1911, na qual Dona Carolina Michaëlis solicita ao Presidente da República Portuguesa a sua transferência para a Universidade de Coimbra. A cópia foi feita pelo amanuense José Henriques de Sousa Sena, 2º oficial da Secretaria da Universidade de Coimbra.
- 12 A nomeação, por distinção, da ilustre Filóloga, decretada em 21 de Junho de 1911 e publicada no Diário do Governo do dia seguinte, é justificada pelo então Ministro do Interior do seguinte modo: «Attendendo aos excepcionaes merecimentos que concorrem na pessoa da illustre escritora Dª. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que tão relevantes serviços tem prestado á língua e á literatura portuguesa, em trabalhos como o estudo sobre Sá de Miranda, a história da nossa literatura escrita em allemão, e tantas obras valiosas que representam o mais bello e eloquente testemunho de quanto pode um altissimo espirito, alliado a um profundo e solido saber».

Universidade de Coimbra relativa às várias Faculdades e estabelecimentos universitários, durante o ano de 1911, depositada e guardada no Arquivo da Universidade, encontram-se alguns documentos de relevante interesse sobre o processo da sua transferência para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Trata-se de cópias manuscritas de três documentos feitas pelo «2º oficial José Henriques de Sousa Sena», «servindo de oficial maior», dos quais podem extrair-se informações sobre as razões que levaram a distinta filóloga a requerer a transferência para Coimbra, sobre a reacção do Conselho da Faculdade de Letras a essa pretensão que lhe fora veiculada pelo Reitor de então, Joaquim Mendes dos Remédios, e sobre a resposta que este, depois de receber a opinião da referida Faculdade, transmitiu, em 23 de Novembro desse ano, à Direcção Geral de Instrução Superior.

No seu requerimento de transferência datado da cidade do Porto onde vivia de 12 de Novembro de 1911, e endereçado ao Presidente da República Portuguesa, invoca Dona Carolina Michaëlis sobretudo razões motivadas pela falta de saúde, informando que «se acha presentemente impossibilitada de assumir a regência dos cursos que lhe designaram».¹³ Aos olhos da signatária, a cidade de Coimbra oferecia uma dupla vantagem: por um lado, seria benéfico para a sua saúde desenvolver o seu magistério «numa cidade de tranquilo e repousado viver, no meio de tradições históricas, literárias e científicas, que venera e lhe são queridas»; por outro, a transferência para a cidade do Mondego permitir-lhe-ia integrar-se no «ramo da filologia românica», enquadrando-se, assim, «dentro dos estudos especiais que cultivava há quarenta anos, sendo desses mais de trinta empregados em benefício de Portugal, sua patria adoptiva».¹⁴

Na reunião do Conselho da Faculdade de Letras que teve lugar em 13 de Novembro desse mesmo ano, o Director, Doutor António de Vasconcelos, deu conhecimento do requerimento que fora enviado à Faculdade pelo Reitor, solicitando informação sobre a opinião da Faculdade em receber Carolina Michaëlis entre os seus Professores. Por

13 Cópia manuscrita do requerimento de D^a. Carolina Michaëlis feita pelo 2º oficial José Henriques de Sousa Sena guardada no Arquivo da Universidade de Coimbra, a qual aparece incluída na Correspondência recebida na Reitoria e proveniente das Faculdades e estabelecimentos universitários. (A cópia do requerimento fora já anteriormente dada a público na «Miscelânea (D^a. Carolina Michaëlis)», publicada na Revista da Universidade de Coimbra, I: 1 (Março) (1912: 191).

14 Transcrição de passos do requerimento referido na nota anterior.

se tratar de um texto revelador do renome de que, então, já disfrutava Dona Carolina, transcrevo parte do texto que consta da acta dessa reunião e do ofício que o Director da Faculdade enviou ao Reitor, comunicando-lhe o sentir da Escola acerca da integração da Filóloga e erudita no seu corpo docente:

O Conselho unanimemente manifestou grande satisfação ao tomar conhecimento deste pedido, porque a incorporação daquella distintissima Senhora, bem conhecida e admirada em todo o mundo sábio pelos seus numerosissimos trabalhos scientificos e literarios do mais alto valor, dá grande honra e lustre á nossa Universidade, e em especial á Faculdade de Letras, na qual prestará relevantes serviços, particularmente no ramo da filologia romanica, ramo em que os trabalhos de Sua Excelencia se assinalam e notabilizam de forma superior e inconfundível. Esta pretensão da illustre Doutora, distinta entre os mais distintos filologos romanistas contemporaneos, é pois acolhida com a maior satisfação pelo Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (...).¹⁵

Volvidos dois dias sobre a comunicação feita pela Faculdade em 21 de Novembro do ano referido, o Reitor, Prof. Joaquim Mendes dos Remédios, oficia à Direcção Geral de Instrução Superior, comunicando a sua informação, aliás claramente favorável à pretensão da requerente e ao interesse e desejo da Faculdade. A reacção do Governo não se fez esperar e, por decreto de 9 de Dezembro de 1911, a referida professora ordinária da cadeira de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa foi colocada em comissão de serviço na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo a sua apresentação oficial tido lugar na Sala Grande dos Actos em 19 de Janeiro de 1912.¹⁶

Antes de avançarmos na descrição do percurso académico de D^a. Carolina na Faculdade de Letras conimbricense, vale a pena determo-nos durante alguns momentos nalguns passos dessa carta reitoral que não tem sido muito divulgada e citada: além de salientar a

15 Cf. Acta da reunião do Conselho da Faculdade de 13 de Novembro de 1911 publicada em Rodrigues (1989: 5). Ver também a cópia do ofício em que o Director da Faculdade comunicou ao Reitor da Universidade a posição do Conselho sobre a pretensão de D^a. Carolina. O ofício, datado de 21 de Novembro do ano de 1911, está incluído na Correspondência recebida na Reitoria da Universidade de Coimbra das Faculdades e estabelecimentos universitários e encontra-se actualmente no Arquivo da Universidade.

16 Os discursos proferidos nessa cerimónia de recepção pelo reitor da Universidade, Doutor Mendes dos Remédios, e pela homenageada foram publicados por R[emédios] (1912: 193-196).

sua cultura e os seus altos méritos científicos, não deixa de pôr a tônica na sua condição de mulher intelectual. Transcrevemos, em seguida, algumas das afirmações feitas pelo Reitor nessa carta:

Não ousou pedir o deferimento do requerimento — tam certo estou d'ele — pelo que ele significa de homenagem a tam preclaro talento, a tam peregrina e famosissima cultura, e pelo que ele representa de incentivo a uma Faculdade que agora sobretudo, em seus primeiros passos, tanto necessita de ser amparada e auxiliada.

A Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos pela vastidão e profundidade dos seus conhecimentos é — que eu saiba — na provincia de estudos a que se dedica — a primeira cabeça feminina do mundo intelectual moderno.

Tam assombrosos merecimentos merecem que se lhes abram de par em par os áditos deste templo da Sabedoria, entre as palmas do triumpho, no meio das aclamações de todo o professorado da Universidade de Coimbra.¹⁷

A reacção da Direcção Geral da Instrução Superior não se fez esperar e, por decreto de 9 de Dezembro de 1911, é D^a. Carolina colocada em comissão de serviço na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,¹⁸ vindo, no entanto, a sua apresentação oficial pelo Reitor a ter lugar no dia 19 de Janeiro de 1912, sexta-feira, na sala nobre dos actos académicos, a Sala dos Capelos. A partir do dia seguinte, às 14 h, inicia Carolina Michaëlis uma intensa actividade docente na Faculdade de Letras de Coimbra, dando continuidade, na cadeira de Filologia Portuguesa, ao curso que, nesse ano lectivo, fora iniciado pelo Doutor António de Vasconcelos.¹⁹

O que significou a entrada da ilustre investigadora para o corpo docente da recém-criada Faculdade de Letras é posto em relevo na

17 Cópia da carta do Reitor, datada de 23 de Novembro de 1911, e endereçada à Direcção Geral de Instrução Superior. Segundo informação fornecida no canto esquerdo superior, a carta encontra-se copiada no L^o 1, N^o 357. A.U.C. Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade. Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários, 15. Faculdade de Letras – 1911-1951. Depósito IV, Secção 2^a E, Estante 11, Tabela 5, n^o 1.

18 Embora Dona Carolina se encontrasse «colocada no lugar de professora ordinária do 3^o grupo» da Faculdade de Letras, a posse viria a ser-lhe conferida em 18 de Novembro de 1912 pelo Reitor da Universidade, Doutor Joaquim Mendes dos Remédios. Cf. o termo de posse lavrado no livro de «Posses: Faculdades» (1900 a ...), n^o 3, guardado no Arquivo da Universidade de Coimbra.

19 Cf. Livro de Sumários da cadeira de «Filologia Portuguesa», do ano lectivo de 1911-1912, depositado no Arquivo da Universidade de Coimbra.

alocução do Reitor na abertura solene do ano escolar de 1912-1913 que, ao apresentar a Faculdade, reconhece a importante missão que tem a desempenhar como «um poderoso foco de desenvolvimento científico na província de estudos que cultivava» e faz alusão a dois ilustres professores que nela se tinham incorporado:

Não pode dizer-se que não abrisse com chave de ouro, ela que, com excepção da minha insignificante pessoa, ao seu professorado distinto teve a felicidade de reunir as individualidades prestigiadas da Sr.^a D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos... e do Sr. Dr. Carlos de Mesquita...²⁰

Em virtude da vastidão e profundidade dos seus conhecimentos, leccionou um conjunto de cursos, tanto na área da Romanística como no âmbito dos Estudos Germanísticos: em vários anos lectivos teve a seu cargo, além das cadeiras de Filologia Românica e de Filologia Portuguesa, as de Língua e Literatura Alemã I, II e III.

O intenso magistério iniciado em Janeiro de 1912 e que termina no ano lectivo da sua morte desenvolveu-se de forma contínua, tendo apenas sido interrompido temporariamente por motivos de saúde ou por uma dispensa da regência das cadeiras que tinha a seu cargo proposta e «aprovada por aclamação» pelo Conselho da Faculdade, na sua sessão de 3 de Março de 1920, para que pudesse «continuar e concluir a série de trabalhos que de há muito esperam a atenção da sua ilustre autora».²¹

Do longo e expressivo texto dessa proposta a submeter ao Ministro da Instrução destacamos algumas afirmações justificativas da imperiosa necessidade de que Dona Carolina Michaëlis fosse dispensada das actividades lectivas:

A Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos não pode, não deve pensar agora noutra coisa, que não seja em legar à posteridade a herança inestimável do seu saber, herança que servirá para engrandecer o nome

20 Rodrigues (1989: XXVIII).

21 Acta da reunião do Conselho da Faculdade de 3 de Março de 1920 publicada em Rodrigues (1989: 175). Do seu processo de Professora, guardado no Arquivo da Universidade de Coimbra, consta uma carta do Director da Faculdade, com data de 10 de Novembro de 1920, endereçada ao Reitor da Universidade, na qual se comunica que a «Ex.^{ma} Dr.^a D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, ao abrigo do art.^o 69.^o do Estatuto universitário, se ausentou do serviço de regência durante 6 meses que principiam a contar-se de 18 de outubro próximo passado, a fim de continuar os seus trabalhos literários e científicos, de que tanto brilho tem resultado às letras pátrias». Cf. A.U.C. Processo de Professora [de Carolina Michaëlis de Vasconcelos].

de Portugal no domínio imperecível das ideias, firmando melhor, e em bases cada vez mais sólidas, o estudo dessa enorme e complexa multidão de problemas, da Língua, da Literatura e da História, a que ela tem consagrado a vida inteira.²²

Não havendo possibilidade de dar continuidade ao Curso de Filologia Românica que ficaria encerrado com a sua aposentação, o Reitor da Universidade e os estudantes solicitaram-lhe insistentemente que não deixasse vaga a Cátedra relativa a essa disciplina. Foi Dona Carolina sensível a esse pedido e continuou a dar aulas, tendo-se prolongado a sua docência na «Alma Mater» conimbicense até ao ano da sua morte — deu aulas até ao mês de Fevereiro de 1925 — que teve lugar em 16 de Novembro desse ano.²³

Cerca de um ano depois de ter atingido a idade da aposentação, mas continuando, como vimos, a sua actividade pedagógica, em 26 de Maio de 1922, promove a Associação Académica uma festa em sua honra, para a qual foi convidado o Ministro da Educação, Augusto Nobre, que, não podendo estar presente em virtude de obrigações ministeriais em Lisboa, solicita ao Reitor que o represente nessa cerimónia de homenagem, ao mesmo tempo que concede o feriado pedido pela Associação para a Universidade.²⁴

Com Carolina Michaëlis de Vasconcelos inicia-se a presença, na Universidade de Coimbra, de ilustres filólogos alemães durante a primeira metade do século XX, circunstância que, sem dúvida, se tornou relevante para divulgar em Portugal as orientações da filologia românica em vigor na Alemanha, revertendo, naturalmente, em proveito da Romanística portuguesa. Assinale-se a estadia, como docentes da Faculdade de Letras, de Meyer-Lübke e de Joseph Piel²⁵ devendo, além

22 Cf. Acta da reunião do Conselho da Faculdade de 3 de Março de 1920, publicada em Rodrigues (1989: 176).

23 Veja-se Delille (2001: 44 e nota 33).

24 Do Processo de Professora de Dona Carolina consta o próprio telegrama que, na véspera, dia 25 de Maio de 1922, o Ministro da Educação enviou ao Reitor da Universidade e cujo teor é o seguinte: «nao podendo satisfaser convite associacao academica por motivo provavel discussao orcamento instrucao amanha rogo V. excia subida finesa minha representacao festa honra ilustre professora d carolina michaelis para quem peço minhas calorosas felicitaçois associacao pede feriado universidade o qual autoriso — ministro instrucao augusto nobre».

25 Acompanhando o Mestre Meyer-Lübke, chegou Joseph Piel a Coimbra em 1926 como bolseiro da «Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft», actualmente «Deutsche Forschungsgemeinschaft», tendo, ao mesmo tempo, leccionado no Instituto Alemão e no Colégio Camões. Após a tomada de posse em 14 de Feve-

disso, acrescentar-se que a influência da escola filológica alemã se exerceu também de outro modo, através da permanência na Alemanha, durante cinco anos e meio (1929-1935), de Manuel de Paiva Boléo, mais tarde Catedrático da mesma Faculdade, e uma das figuras mais ilustres da história da Linguística em Portugal no século XX. Decisivos para a sua formação linguística foram esses anos de estadia na Universidade de Hamburgo, primeiro como bolseiro da antiga Junta Nacional de Educação no «Seminar für romanische Sprachen und Kultur» e, a partir do ano lectivo de 1930-1931, a convite do Director do Seminário, Professor Fritz Krüger, como leitor de Língua e Cultura Portuguesas.²⁶

O falecimento de Carolina Michaëlis agravou as carências de pessoal docente da Faculdade, sendo, sobretudo, difícil de preencher a vaga na especialidade de «Gramática Comparada das Línguas Românicas». Por esse motivo, o Director da Faculdade, Doutor J. Mendes dos Remédios, em carta datada de 20 de Novembro de 1925, considerando a manifesta impossibilidade de resolver o problema da leccionação dessa cadeira com o pessoal docente disponível, já muito sobrecarregado, solicita ao Reitor da Universidade «que promova junto do Exm^o. Ministro da Instrução Pública autorização para esta Faculdade, ao abrigo do n.º 2.º do art. 57 do Estatuto Universitário, poder contratar um Professor estrangeiro daquela especialidade».²⁷ As diligências feitas pelo Director da Faculdade foram coroadas de êxito e «a regência das cadeiras que haviam pertencido à grande mestra a Senhora

reiro de 1928, como assistente da Faculdade de Letras, leccionou as disciplinas de Gramática Comparada das Línguas Germânicas, Paleografia e Literatura Espanhola, tendo, a partir de 1936, ocupado, a título interino, a Cátedra de Filologia Românica que ficara vaga com a morte de Carolina Michaëlis. A partir de 10 de Março de 1939, Joseph Piel é nomeado professor Catedrático, tornando-se o «sucessor legítimo de D.^a Carolina». A sua permanência na Universidade de Coimbra prolongou-se até Outubro de 1954, tendo, porém, regressado à Alemanha no ano anterior para ocupar a Cátedra de Filologia Românica da Universidade de Colónia. Cf. Kremer (1995: 267-268); Rodrigues (1992), s.v. Joseph M. Piel.

26 Cf. Maia (1995: 281-282).

27 A.U.C. Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade. Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários — 15. Faculdade de Letras — 1911-1951. Depósito IV, Secção 2^a E. Estante 11, Tabela 5, n.º1.

D^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos»²⁸ passou a ser assegurada pelo insigne romanista, professor da Universidade de Bonn, W. Meyer-Lübke que, além disso, colaborou também no Curso de Férias da Faculdade do Verão desse ano.²⁹ Como reconhecimento pela valiosa e prestigiada colaboração, em 25 de Julho de 1926, foi-lhe concedido de forma solene e por deliberação do Conselho da Faculdade de Letras, o grau de Doutor *Honoris Causa* em Filologia Românica.

Com efeito, durante os anos lectivos de 1925-1926 (a partir de 11 de Março deste último ano) e de 1926-1927, o insigne romanista regeu, na Faculdade de Letras coimbricense, as cadeiras de «Gramática Comparada das Línguas Românicas» e «Filologia Portuguesa II».

2

A fim de completarmos os contornos deste período da história da filologia portuguesa e românica e do seu ensino na Universidade de Coimbra, centremo-nos, neste momento, na actividade docente da grande Filóloga e nos conteúdos programáticos dos cursos de Filologia Portuguesa que regeu.

Analisando os livros de sumários das lições que proferiu entre o ano lectivo de 1911-1912 e 1925-1926, pode fazer-se uma ideia dos temas que eram do interesse da insigne Professora e da formação recebida pelos alunos que frequentavam a cadeira. Se se proceder a uma apreciação dos conteúdos programáticos leccionados em cada ano lectivo, pode fazer-se uma ideia da programação do ano escolar, do que era a formação recebida pelos alunos de cada curso, da sequência

28 Acta da reunião 25 de Março de 1926 publicada em Rodrigues (1991, vol. II: 1925-1936, p. 47).

29 Informação colhida na carta que, em 30 de Abril desse ano, o Director da Faculdade endereçava ao Reitor da Universidade, comunicando-lhe que a Faculdade tinha decidido «encarregar o grande Mestre de Romanística de a representar» na 20^a. Reunião do Congresso de Filólogos — «Philologen Tagen» — que, sob a sua presidência, se realizaria em Düsseldorf, nos últimos dias de Maio e primeiros de Junho. Ao comunicar essa informação, não deixa de referir que, terminados os trabalhos do Congresso, o ilustre Professor regressaria a Coimbra para retomar a regência das suas cadeiras e para leccionar nos Cursos de Férias. A carta faz parte dos fundos do A.U.C. Universidade de Coimbra. Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários. 15. Faculdade de Letras — 1911-1951. Depósito IV, Secção 2^a E, Estante 11 Tabela 5, nº 1.

e estruturação das aulas de feição teórica e prática, estas últimas consagradas sobretudo ao comentário de textos correspondentes ao período medieval. Dos anos lectivos de 1911-1912 e 1912-1913, uma vez que as lições foram publicadas nas «Lições de Filologia Portuguesa (...) seguidas das Lições práticas de português arcaico», além dos temas que foram objecto de leccionação, podemos conhecer os conteúdos e o seu desenvolvimento. Embora, no futuro, possa vir a fazer uma análise centrada nessa obra, nesta comunicação pretendo apresentar uma visão geral do que foi o magistério de Carolina Michaëlis no âmbito da Filologia Portuguesa.

Percorrendo transversalmente o registo dos sumários das aulas leccionadas ao longo de cerca de treze anos na secular Universidade de Coimbra, a primeira impressão que se colhe diz respeito ao carácter diversificado dos programas nos vários anos lectivos. No entanto, através desse percurso, é possível esboçar as grandes áreas do seu magistério universitário, as quais surgem como uma projecção da sua actividade investigadora.

Uma das áreas em que se centra o seu trabalho lectivo é a da história da Filologia, desde a Grécia, em que a Filologia se identificava com os métodos da exegese e restauração dos textos e com as análises etimológicas, até à época em que viveu a grande Filóloga, incorporando, então, inseparável e intimamente unidas, três áreas que se foram progressivamente autonomizando: o estudo da história literária, a crítica textual e a reflexão metalinguística no âmbito da orientação que então dominava de forma exclusiva, a Linguística histórica, área em que a pesquisa etimológica ocupava lugar de relevo.³⁰

O que era a Filologia Portuguesa como disciplina universitária e qual o seu âmbito e contornos explica-o Carolina Michaëlis:

(...) para mim *filologia portuguesa* é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em tôda a sua amplitude não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.³¹

A classificação das línguas do mundo em famílias e a apresentação das características que permitem estabelecer essa tipologia é outra área da docência da ilustre Filóloga. É compreensível o relevo dado à família indo-germânica e, dentro desta, às línguas românicas, incidin-

30 Verdelho (2001: 182).

31 Vasconcelos (s. d.: 156).

do particularmente na sua classificação, na sua história e na sua estatística.

Ao tratar da história das línguas românicas a partir do «sermo vulgaris» (que, nas suas aulas, é caracterizado sob o ponto de vista prosódico, morfológico, sintáctico e lexical), equacionam-se algumas questões que continuam ainda actualmente a ocupar os linguistas e sobre as quais muito se tem problematizado, tendo em conta novas perspectivas surgidas na Ciência da Linguagem: a questão da transição do latim ao «romance» e a partir de quando se pode falar em «romance» já claramente diferenciado do latim.

De entre os temas situados já especificamente no domínio da História da Língua Portuguesa destacam-se as seguintes questões: a periodização (na formulação da Mestra e Filóloga, «Divisão da história da língua portuguesa em períodos»),³² por vezes, explicitamente associada à divisão da literatura portuguesa em períodos.³³ Relativamente a essa temática que ainda hoje se reveste de grande complexidade, tem Carolina Michaëlis sugestivas e finas intuições, sobretudo quanto ao que significa o estabelecimento de cesuras na trajectória histórica da língua,³⁴ devendo ainda destacar-se a individualização de traços linguísticos «balizadores» dos dois grandes subperíodos do português antigo que se prolongou até ao século XVI: «o período trovadoresco», que se prolonga até 1350, e o da «prosa

32 É essa a formulação apresentada no sumário da aula leccionada em 27.01.1912.

33 A associação entre a periodização na história da língua e da literatura é explicitamente estabelecida nos sumários de algumas aulas ministradas na Faculdade de Letras de Coimbra. Veja-se, por exemplo, o registo dos temas leccionados na aula teórica de 3 de Novembro de 1913: «Mozarabes e Galegos. Períodos da língua e da literatura portuguesa». Aliás, tanto no registo do sumário da aula ministrada na data indicada na nota anterior como nas suas «Lições de Filologia Portuguesa: 17-22» a subperiodização do português arcaico é estabelecida com base na diferente produção literária medieval portuguesa.

34 Numa época em que a mudança linguística não tinha ainda sido objecto de profunda discussão teórica nem se tinha empreendido o estudo dos seus mecanismos a partir de sólidas bases empíricas, são, de facto, sugestivas algumas das intuições de Carolina Michaëlis manifestadas nas suas Lições de Filologia Portuguesa, 19. Destaquem-se sobretudo as afirmações feitas a propósito da subperiodização do português arcaico: «Claro que os limites entre os dois períodos são vagos, e que houve uma época de transição. (...) Uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar; outras muito depressa».

período trovadoresco», que se prolonga até 1350, e o da «prosa histórica verdadeiramente nacional».³⁵

Tal como na sua obra científica avultam na actividade pedagógica de Carolina Michaëlis os estudos de lexicologia, tendo-se, em vários anos escolares, consagrado ao estudo das fontes do léxico português. Sendo o português uma língua românica, a maior parte do léxico é, naturalmente, de origem latina, mas não deixa Dona Carolina de distinguir os vários estratos de léxico com essa proveniência, ou seja, o léxico patrimonial de proveniência latina, «os elementos populares (espontâneos)», que sofreram todas as transformações próprias, específicas da evolução do latim ao galego-português, e os cultismos, importados do latim ao longo da trajectória histórica da nossa língua, que são caracterizados como elementos literários («artísticos») também designados como vocábulos «cultos» ou «eruditos».

O facto de muitas palavras de origem latina estarem representadas tanto por formas patrimoniais, herdadas dessa língua por transmissão oral hereditária, como por formas tomadas directamente da «lingua mater» como empréstimos cultos, deu origem a numerosas situações de variação formal, as chamadas «formas duplas» (fr. *doublets*) que, ao longo da história da língua, somente se mantiveram nos casos em que houve diferenciação semântica (em maior ou menor grau). Dessa questão, que constitui um importante capítulo da lexicologia histórica do português e que bem merecia ser retomado e analisado de acordo com o desenvolvimento de recentes orientações no domínio das dis-

35 Embora estabelecendo um estreito paralelismo com a subdivisão que é possível fazer na história literária com base na diferente produção textual — a poesia trovadoresca e a prosa histórica — a subperiodização do português arcaico é apoiada em traços linguísticos de carácter fonético, morfológico e sintáctico. Saliente-se que existe uma grande coincidência entre os traços apontados pela grande Filóloga nas suas Lições de Filologia Portuguesa, 20-22, e «os fenómenos linguísticos balizadores» da primeira fase, a fase arcaica, (que se prolonga do início do século XIII ao final do século XIV) apresentados na proposta mais recente de Evanildo Bechara (1991). Não pode deixar de pôr-se em relevo a confirmação que, após cerca de sete décadas e meia, o linguista brasileiro faz das características linguísticas apontadas por Carolina Michaëlis como individualizadoras da primeira fase do português arcaico. A selecção, no início do século XX, desses fenómenos linguísticos tomados como referência para a subdivisão do período arcaico da língua portuguesa implicava um grande conhecimento dos textos medievais, obtido no assíduo convívio dos mesmos, no amplo campo que, na época, a Filologia abarcava.

ciplinas da linguagem, especialmente da Semântica, se ocupou Carolina Michaëlis na sua actividade docente em vários anos escolares.³⁶

As outras (duas) componentes abrangidas pela sua leccionação são as que abrangem as palavras importadas de outras línguas e as que resultam de processos formativos dentro do próprio português. Sem esquecer o léxico das línguas pré-romanas incorporado em latim e os elementos germânicos e árabes, trata dos elementos de origem francesa, provençal, italiana e espanhola, distinguindo duas camadas históricas, uma anterior a 1500, e outra que abrange os estrangeirismos modernos com essa proveniência. O léxico procedente das línguas de África, da Ásia ou da América adoptado em virtude das relações históricas e linguísticas entre o português e as línguas autóctones desses territórios foram igualmente objecto da sua actividade pedagógica. Tendo-se iniciado a adopção desse léxico a partir dos primeiros anos das descobertas e das primeiras fixações de portugueses nesses continentes, trata-se de uma componente «moderna», posterior a 1500, e resultante das mais diversas situações de contacto de línguas.³⁷

Os processos de formação de palavras por composição e derivação representam outro importante meio de enriquecimento do léxico português, tendo, em vários anos lectivos, constituído temas de leccionação nas suas aulas. Após o esclarecimento conceptual de «composição» e «derivação», e de «raiz», «tema» ou «radical», por um lado, e de «prefixo», «sufixo» e «afixo», por outro, são passados em revista os vários prefixos e sufixos, ao mesmo tempo que se analisa a composição e derivação em português assim como a construção de parassintéticos. Não faltam, no registo dos sumários, referências à dimensão

36 A entrada de «cultismos» e a criação de «formas duplas» caracterizam igualmente a história de outras línguas românicas e, na época, tinham já sido objecto de estudo por parte de alguns autores. Antes de Carolina Michaëlis, no seu primeiro livro, *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, publicado em 1876, ter tratado desse assunto para o espanhol, «já o francês A. Brachet publicara um *Dictionnaire des doublets* e A. Coelho escrevera um pequeno trabalho, *Formes divergentes de mots portugais*. Cf. Meyer-Lübke (1927: 20). O mencionado filólogo português, na obra *Questões da língua portuguesa* (1874), consagra algumas páginas (pp. 97-104) do capítulo I (do Livro I), relativo ao léxico, às formas divergentes. Como pode ver-se através dos livros de sumários da cadeira de «Filologia Portuguesa», essas questões constituíram tema de leccionação de Dona Carolina em vários anos lectivos. Vejam-se, por exemplo, os sumários das aulas ministradas em 2 e 3 de Fevereiro de 1912 e em 2 de Fevereiro de 1914.

37 Cf. o sumário da aula de 12 de Janeiro de 1914.

histórica de algumas questões tratadas no âmbito da área hoje designada morfologia derivacional. Assim, a propósito da composição em português, faz-se alusão aos processos de formação de compostos em latim, do mesmo modo que, em relação aos processos de formação de derivados na nossa língua, se regista o estudo da origem dos sufixos, distinguindo-se entre sufixos provenientes do latim e sufixos de proveniência não-latina. E, no que se refere à produtividade e à vitalidade destes elementos formativos, regista-se o tratamento da diferença entre sufixos mortos e sufixos vivos, assim como de sufixos populares e de sufixos literários.

Tal como na actividade científica da grande romanista, também na docência o léxico foi, dos vários domínios da gramática histórica, a área mais cultivada. Embora tenha publicado alguns trabalhos sobre aspectos da morfologia e da sintaxe, a sua obra é particularmente vasta no campo lexical. Como boa etimóloga, necessitava D.^a Carolina de uma sólida preparação em fonética histórica, área também contemplada nas aulas que consagrou, seguindo a tradição da escola neogramática, às «evoluções» fonéticas, tanto no domínio da história do vocalismo como do consonantismo do português, embora, de forma que para a época era inovadora, se tenha ocupado ainda das «evoluções semânticas», também designadas «psicológicas».

Quem hoje analisa os sumários das aulas que Carolina Michaëlis leccionou na Universidade de Coimbra ou as «Lições de Filologia Portuguesa» não pode deixar de valorizar muito positivamente que alguns aspectos da morfologia histórica e, de modo ainda mais saliente, a morfologia derivacional lhe tenham merecido tão grande atenção. O amplo tratamento dado a questões deste âmbito contrasta com o lugar secundário ou, mesmo, com a total ausência nas gramáticas históricas do português, de feição neogramática, publicadas a partir do final do século XIX³⁸ ou durante o século XX.³⁹ Também nos manuais de História da Língua Portuguesa de Serafim da Silva Neto, de Paul Teyssier ou de Ivo Castro esse domínio não é tratado. Ao mesmo que temos que continuar a afirmar, com Carolina Michaëlis, que «a história da sufixação, prefixação e composição portuguesa está por escrever»,⁴⁰ reconhecemos igualmente que os estudos de morfologia

38 A primeira gramática histórica do Português é a obra de Jules Cornu (1888).

39 Para a posição de segundo plano ocupada pela morfologia derivacional nas gramáticas históricas do português chamou a atenção Martins (1996: 53-71).

40 Vasconcelos (s.d.: 45).

derivacional do português não têm beneficiado da investigação histórica, não obstante ter sido já reconhecido, relativamente ao domínio da formação de palavras «que uma análise exclusivamente sincrónica pode, ao ignorar o passado, distorcer ou falsear a verdade histórica dos factos e, subseqüentemente, do presente das unidades lexicais».⁴¹

Ao comentário filológico de textos antigos e renascentistas atribuída, sem dúvida, Dona Carolina um importante papel no ensino da história da língua e da literatura portuguesa. Tendo já empreendido, na actividade de investigação, trabalho de crítica filológica, de fixação crítica e de publicação de textos do património textual português, desenvolvia nas aulas o comentário de textos a partir das reproduções fac-similadas ou de fotografias destas que previamente distribuía aos alunos. Não obstante a divulgação que a técnica de reprodução em fac-simile e a fotografia tiveram nos nossos dias, ainda hoje esses aspectos metodológicos constituem uma lição necessária para os que se dedicam a análoga tarefa de comentário de textos correspondentes a fases pretéritas da nossa história linguística e literária. É essa a única maneira de, sem qualquer mediação (e, portanto, sem qualquer intervenção ou interpretação do editor), colocar os alunos em contacto com os textos «reais» que a História permitiu que chegassem até nós e possibilitar que sejam confrontados com as complexas questões por eles colocadas.

Embora beneficiando dos avanços verificados na Linguística Histórica na segunda metade do século XX, tanto no que se refere à teoria como aos métodos de investigação e análise linguística, o comentário filológico de textos continua a ser um importante instrumento didáctico no ensino da História da Língua.

Além de ter procedido à transcrição dos textos e à restituição crítica de alguns que foram objecto de cópias ou de edições deturpadas, os textos arcaicos ou renascentistas serviam, nas aulas da Grande Filóloga, de suporte para a explicação das chamadas «leis fonéticas», para comentários gramaticais, nomeadamente de morfologia histórica, para análise métrica e, com particular relevo, para análises etimológicas. Ainda no âmbito do comentário de textos, eram feitos comentários de natureza paleográfica e dadas explicações sobre a pronúncia do português antigo.

41 Rio-Torto (1998: 138).

Avultam, ainda, no registo dos sumários das suas lições, as referências às análises e/ou às explicações etimológicas de vocábulos do português antigo ou do século XVI: recorde-se que textos poéticos do Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende, ou passos de *Os Lusíadas* foram muitas vezes objecto de comentário nas aulas práticas de Dona Carolina.

Os estudos etimológicos, então em voga e florescentes na românica alemã, ocupam na vasta obra desenvolvida pela ilustre Filóloga uma posição de particular importância. Era natural que quem com tanta segurança investigava neste domínio lhe desse nas aulas de Filologia Portuguesa particular relevo. Encontrava-se Dona Carolina em excepcionais condições para realizar investigação etimológica de elevada qualidade. Vale a pena, a esse propósito, recordar um texto do insigne representante da ciência etimológica românica, Wilhelm Meyer-Lübke, que, com o seu *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, nos legou uma das sínteses mais típicas da escola neogramática:

D.^a Carolina Michaëlis possuía todas as qualidades indispensáveis no etimólogo: o conhecimento exacto das formas do vocabulário antigo, saber em que poucos a igualavam; finíssimo trato para as mutações de significação; perfeita compreensão das evoluções sónicas; conhecimento suficiente das outras línguas românicas, para poder analisar qualquer palavra da Península Ibérica, sob o ponto de vista geral e sem erro na escala das comparações.⁴²

E, ao explicar a validade de quase todas as explicações etimológicas propostas, afirma que esse resultado se deve às qualidades já referidas e nas quais volta uma vez mais a insistir:

à forma cuidadosíssima, e conscienciosa em extremo, com que trabalhava; à sua profunda ciência; à sua intuição etimológica, que quase espontaneamente lhe indicava a solução verdadeira. Sobre tudo, porém, à sua modéstia científica.⁴³

3

O percurso realizado através de alguns documentos de carácter administrativo e, acima de tudo, de outros de natureza científico-pedagógica não pretende, de forma alguma, ter esgotado todos os aspectos do enquadramento institucional de Dona Carolina e do seu

42 Meyer Lübke (1927: 21).

43 Meyer Lübke (1927: 21).

magistério na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As observações feitas a propósito da docência da cadeira de Filologia Portuguesa sugerem, de forma expressiva, o interesse do conjunto documental constituído pelos «Livros de Sumários» das lições correspondentes às várias cadeiras por ela regidas para completar o traçado do seu perfil de Professora e, simultaneamente, para conhecer a história do ensino na Faculdade de Letras no período abrangido pelo seu magistério.

Não obstante o carácter parcelar das observações agora feitas sobre a obra pedagógica de Dona Carolina, pode afirmar-se que, além de muito ter contribuído, através da sua obra erudita, para dar a conhecer em todo o mundo a cultura e a literatura portuguesas, através do seu magistério, apoiado nos seus excepcionais méritos de investigadora e no seu saber sólido, actualizado e multímido, prestou insignes serviços à Universidade Portuguesa e, de forma muito especial, à Universidade de Coimbra.

Bibliografia

- Bechara, Evanildo (1991): «As fases da língua portuguesa escrita», em: *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Tübingen: Niemeyer, pp. 68-76.
- Busse, Winfried (1988): «Eine Berliner Romanistin in Portugal: Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)», em: Trabant, Jürgen (ed.) (1988): *Beiträge zur Geschichte der romanischen Philologie in Berlin*, Berlin: Colloquium, pp. 45-56.
- Coelho, F. Adolfo (1874): *Questões da lingua portugueza. Primeira parte: Preliminares — O léxico — O consonantismo*, Porto; Braga: Livraria Internacional.
- Cornu, Jules (1888): «Die portugiesische Sprache», em: Gröber, Gustav: *Grundriss der Romanischen Philologie*, Strassburg: Karl J. Trübner.
- «Decreto com força de lei de 9 de Maio de 1911, organizando o plano de estudos das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa», *Diário do Governo*, 11 de Maio de 1911.
- Delille, Maria Manuela (2001): «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925): <intermediária nata entre a cultura neolatina e a germânica>», em: *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas* (II Série) 18, pp. 33-48.
- Kremer, Dieter (1995): «In Memoriam Joseph M. Piel (8.6.1903 a 28.5.1992)», em: *Revista Portuguesa de Filologia* 20, pp. 267-280.
- Livro «Posses. Faculdades». (1900 a ...), nº 3. A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra].

- Livros de Sumários da cadeira de «Filologia Portuguesa», desde o ano lectivo de 1911-1912 até ao ano lectivo de 1925-1926. A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra].
- Maia, Clarinda de Azevedo (1995): «Manuel de Paiva Boléo (1904-1992)», em: *Revista Portuguesa de Filologia* 20, pp. 281-298.
- Mapa do serviço dos Professores (1911-1912 a 1927-1928). A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra].
- Martins, Ana Maria (1996): «Gramáticas históricas do Português», em: Duarte, Inês / Miguel, Matilde (eds.) (1996): *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III, Lisboa: Colibri, pp. 53-71.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (1927): «Carolina Michaëlis e a filologia românica», em: *Lusitânia* 4: X, pp. 17-25. (O artigo é uma versão de um outro em alemão publicado no mesmo volume da revista *Lusitânia* com o título «Carolina Michaëlis und die romanische Sprachwissenschaft», pp. 7-15).
- Moldenhauer, Gustav (1933): «Bibliografia de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos», em: *Revista da Universidade de Coimbra* XI (Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos), pp. VII-XXIII.
- R[emédios, J.] M[endes dos] (1912): «Miscelânea D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos», em: *Revista da Universidade de Coimbra*, I: 1 (Março), pp. 191-198.
- Rio-Torto, Graça Maria (1998): «Sincronia, diacronia e análise genolexical», em: Rio-Torto, Graça Maria (1998): *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto: Porto Editora, pp. 133-148.
- Rodrigues, Manuel Augusto (1989 e 1991): *A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras*, vol. I (1911-1925), vol. II (1926-1936). «Introdução» de Manuel Augusto Rodrigues, Coimbra: Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, Manuel Augusto (dir.) / Queirós, Abílio Ferreira Marques de / Rodrigues, Alice Correia Godinho / Bandeira, Ana Maria de Araújo Leitão / Carvalho, João Manuel Saraiva de / Ramos, Júlio de Sousa / Rodrigues, Maria Filomena de Matos Ala / Reis, Pedro José França Pinto dos (1992): *Memoria Professorum Vniversitatis Conimbrigenis — 1772-1937*. Coimbra: Arquivo da Universidade, s.v. Joseph M. Piel.
- Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade. Correspondência recebida das Faculdades e estabelecimentos universitários, 15. Faculdade de Letras — 1911-1951. A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra]. Depósito IV, Secção 2ª E, Estante 11, Tabela 5, nº 1.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de: Processo de Professora. A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra].
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1876): *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Leipzig: Brockhaus.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1885): *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas, acompanhadas de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato, Halle: Niemeyer.

- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1896-1905): «Randglossen zum alportugiesischen Liederbuch», em: *Zeitschrift für Romanische Philologie* XX (1896); XXV (1901); XXVI (1902); XXVII (1903); XXVIII (1904) e XXIX (1905).
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1904): *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada, 2 vols., Halle: Niemeyer.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1907-1909): «Estudos sôbre o romanceiro peninsular, romances velhos em Portugal», em: *Cultura Española* (Madrid) VII (1907); VIII (1907); IX (1908); X (1908); XI (1908); XIV (1909); XVI (1909).
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (s.d.): *Lições de Filologia Portuguesa*, segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13 seguidas das Lições práticas de português arcaico, Lisboa: Dinalivro.
- Vasconcelos, José Leite de (1912): «Cartas de escritores notáveis», em: *Boletim da Segunda Classe* V: 1 (Julho 1911), pp. 274-294.
- Verdelho, Telmo (2001): «Carolina Michaëlis de Vasconcelos — Filóloga», em: *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas* (II Série) 18, pp. 181-189.

Livros de Sumários da cadeira de «Filologia Portuguesa», desde o ano lectivo de 1911-1912 até ao ano lectivo de 1925-1926. A.U.C. [Arquivo da Universidade de Coimbra].

Dia 26 de Janeiro de 1912. Recapitulação dos liços dados pelo Prof. Dr. Ant. de Vasconcellos relativos ao latim vulgar como fonte principal do léxico português. O latim vulgar hispano-lusitano, igual ao que se falava nas outras regiões da Península Ibérica, diferenciaram-se devido ao influxo germânico e ao arábico.

(a) Carolina Ellichaitis de Vasconcellos.

Dia 27 de Janeiro de 1912. Continuação da recapitulação. Visão da história da língua portuguesa em períodos. A proto-história tem por cenário o Ib. em diante em textos latinos - bárbaros. Fazem os portugueses unidos a galego-portuguesa até 1370 e a 1ª prosa nacional histórica em que figuram as contações de viagens marítimas e os sufixos verbais des des des em des des des. Caracterização do português unido.

(a) Carolina Ellichaitis de Vasconcellos.

Dia 2 de Fevereiro de 1912. Recapitulação. Caminhos diversos de vocabulário latino sobrepõem uns às outras - Por vezes o do léxico primitivo por transposições do latim vulgar, palavras populares. As introduzidas posteriormente por escritores, são latim clássico, palavras literárias, cultas ou eruditas. As literárias entram inalteradas ou pouco alteradas. Vocabulário semi-popular ou semi-erudito são os que entram por via eclesiástica.

(a) Carolina Ellichaitis de Vasconcellos.

Dia 3 de Fevereiro de 1912. Recapitulação. Formas duplas: divergentes, ou alopticas de vocabulário que entraram 1.º ced. na língua em forma popular 2.º posteriormente por via literária, em forma erudita - Aplicação à ortografia de vocabulário homónimo naturalmente Camargo a ortografia clássica, etimológica. Levaram mesmo os elementos da hienotrofia simbólica grega (ϕ, θ, η, etc) em palavras populares de onde tiram os brandos emante verbos.

(a) Carolina Ellichaitis de Vasconcellos.

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

FACULDADE DE LÊTRAS

Cadeira de ^{ANO} Filologia Portuguesa

Sumário da lição no dia 3 de Novembro de 1913

Lição teórica: Algarabes e Sufixos. - Períodos da língua e da literatura Portuguesa.

O professor,

Carolina Michalís de Vasconcellos

Registado a fl. 49 do livro respectivo.

Obede, *Carolina*

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

FACULDADE DE LÊTRAS

Cadeira de Filologia Portuguesa

Sumário da lição no dia 12 de Janeiro de 1914

Elementos neo-latinos do vocabulário português, que entraram na língua depois de 1500 - sobretudo da África, Ásia e América - mas também de diversos países europeus - por contacto directo ou indirecto.

O Professor,

Carolina Michalís de Vasconcellos

Registado a fl. 52 do livro respectivo.

O empregado, *Carolina*

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

FACULDADE DE LETRAS

Cadeira de

*Filologia Portuguesa*Sumário da lição no dia *2* de *Fevereiro* de 191*4*.

Os Romanos latinos da lingua portuguesa: as camadas literarias: dialecticas (prolegomenos) e os elementos populares (espontaneos) e os literarios (artisticos)

O Professor,

*Carolina Michêlis de Vasconcelos*Registado a fl. *12 V* do livro respectivo.

O empregado,

ant